

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LETRAS**

ELIEZER MARQUES SALOMÃO

**A FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA SOB INFLUÊNCIA DA LÍNGUA
AFRICANA NO QUILOMBO DE SANTA ROSA DOS PRETOS**

Itapecuru-Mirim
2015

ELIEZER MARQUES SALOMÃO

**A FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA SOB INFLUÊNCIA DA LÍNGUA
AFRICANA NO QUILOMBO DE SANTA ROSA DOS PRETOS.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, para obtenção do grau de licenciado em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Esp. Rayron Lennon Costa Sousa.

Itapecuru-Mirim
2015

ELIEZER MAQUES SALOMÃO

**A FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA SOB INFLUÊNCIA DA LÍNGUA
AFRICANA NO QUILOMBO DE SANTA ROSA DOS PRETOS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, para obtenção do grau de licenciado em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Esp. Rayron Lennon Costa Sousa.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Rayron Lennon Costa Sousa – Orientador
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Profa. Me. Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira – 1ª Avaliadora
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Profa. Esp. Nayanna – 2ª Avaliadora
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

À minha família, em especial aos meus pais, irmãos, minha esposa, Luciane e minha filha, Aylla Fernanda.

AGRADECIMENTOS

À Deus por me conceder o dom da vida e todas as oportunidades, e estar sempre me abençoando, consolando-me em todas as oportunidades.

Aos meus pais, Patrício Gouveia e Bernarda Helena, pelo apoio constante de sempre me incentivarem aos estudos.

A minha esposa, Luciane e minha filha, Aylla por estarem sempre ao meu lado me apoiando e compartilhando grandes momentos.

Aos meus irmãos, sobrinhos pelo constante apoio e colaboração.

A todos os colegas de turma pela convivência durante esse tempo, em especial a Nicolau Pereira.

Ao orientador Prof. Rayron Lennon Costa Sousa. E todos os professores do CESITA pela colaboração e aprendizado nesses anos, por terem contribuído para a minha formação.

A questão da língua não é, no Brasil, apenas uma controvérsia de gramáticos: é um problema nacional da mais alta importância.

Paul Teyssier.

RESUMO

Esta pesquisa sobre a formação da língua portuguesa e a influência africana no quilombo de Santa Rosa dos pretos, vem nos trazer informações sobre a origem dessa língua, oriunda do latim vulgar e as transformações sofrida até os dias atuais. Dessa maneira aplicamos pesquisa bibliográfica observando os diversos autores tais como: Teyssier, Coutinho, Elia entre outros, que discorrem sobre o assunto em questão, pesquisa de campo no quilombo levantando informações sobre sua variação linguística, e a maneira como é transmitida em sua cultura africana. A língua como um organismo vivo que sofre modificações dialetais oriundas de diversas nacionalidades, como é o caso da formação linguística brasileira, observa-se que o contato com outros povos a tornou rica em variações, como no caso da língua africana com raízes profundas no nosso dialeto que são expressas de modo natural por nossos falantes, através dessa pesquisa podemos ver que toda essa diferença constitui-se uma herança cultural de linguagens, assim transmitidas pela passagem do tempo ao seu povo nos mostrando que a língua apesar das modificações sobrevive no tempo e no espaço , é visto que o léxico dentro de uma sociedade tem o poder de transformar sua vida no meio sócio comunicativo, toda esta pesquisa mostra a grandiosidade da língua portuguesa sua história e mudanças na trajetória da raça que a aderem como língua oficial, desse modo podemos constatar seu valor no meio da formação linguística.

Palavras-Chave: língua portuguesa, formação linguística, línguas africanas, Quilombo, variação linguística.

ABSTRSCT

This research on the formation of Portuguese and African influence in the quilombo of Santa Rosa blacks, come bring us information on the origin of this language, derived from the Vulgar Latin and the transformations suffered to this day. In this way we apply literature observing the various authors such as Teyssier, Coutinho, Elia and others, who talk about the issue at hand, field research on quilombo raising information about their linguistic variation, and how it is transmitted in their African culture . Language as a living organism suffering dialectal changes coming from different nationalities, such as the Brazilian language training, it is observed that the contact with other people to become rich in variations, as in the African language with deep roots in our dialect that are expressed naturally by our speakers through this research we can see that all this difference constitutes a cultural heritage languages, forwarded by the passage of time his people showing us that the language survives despite changes in time and in space, it is seen that the lexicon within a society has the power to transform your life in the middle communicative partner, all this research shows the grandeur of Portuguese history and changes in the trajectory of the race that adhere as the official language, thereby we can see its value in the middle of language training.

Keywords: Language Training. Portuguese Language. African languages. Quilombo. Linguistic Variation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	13
2.1 Do latim aos primeiros textos em português Século XIII.....	14
2.2 Os fatos históricos.....	16
2.3 O português europeu e a evolução fonética.....	17
2.4 Formação do vocabulário.....	19
3 O PORTUGUÊS NO BRASIL	21
3.1 Fatos Históricos.....	20
3.2. Característica do Português no Brasil.....	26
4 A LÍNGUA AFRICANA.....	30
4.1 Fatos Históricos	30
4.2 A influência Africana sob a língua portuguesa.....	31
5 O QUILOMBO DE SANTA ROSA DOS PRETOS.....	33
5.1 História da comunidade quilombola de Santa Rosa dos pretos.....	33
6 FORMAÇÃO LINGUÍSTICA EM SANTA ROSA DOS PRETOS.....	36
6.1 Resultado da pesquisa.....	37
6.2 Questionário.....	38
7 RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO.....	45
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	48
APENDICE.....	49

1 INTRODUÇÃO

A origem de uma língua qualquer que seja causa uma interrogação sobre seu surgimento, como chegou até os falantes, nesta ótica falaremos sobre a origem da língua portuguesa e a influência africana no quilombo de Santa Rosa dos Pretos, nos interessa discorrer sobre este tema tão importante, o português revela-se como um idioma que sofreu fortes influências, até resultar no português vigente, para melhor entendimento é necessário remontar alguns aspectos históricos que ocorreram na formação da língua desde os tempos primórdios, ou seja, sua origem sabe-se que a língua portuguesa é oriunda do latim, não do latim clássico, pois este era privilégio de pessoas renomadas da época, mas sim o latim vulgar falado por camadas subalternas que falavam o latim vulgar.

No entanto, torna-se relevante entender os motivos que determinaram a promiscuidade entre o português do Brasil e as demais línguas envolvidas nesse processo de constante evolução, e quais fatores continuam a contribuir mesmo que de forma latente, para o aparecimento inúmeras palavras provenientes de outros sistemas linguísticos.

Essas transformações pelas quais o português passou, com ênfase no Brasil serão alicerçadas com as contribuições teórica de autores que referendam o tema em estudo são eles: Teyssier, Elia, Coutinho, entre outros que se baseiam nos quesitos históricos e socioculturais das origens do português do Brasil e em alguns aspectos linguísticos.

As circunstâncias históricas serviram para desenvolver o nosso idioma, que também pertencem a história geral da Península, quando os romanos desembarcaram no ano 218 a. C. conquistaram através guerras o vários povos, fazendo com que derrotados aderissem sua língua o latim vulgar, difundido assim sua cultura, sua língua a partir do substrato, onde os dominadores incorporam a língua dos dominados, superstrato cujo dominadores assumem a língua dos dominados, e por meio do adstrato onde ocorre bilinguismo, duas línguas diferentes no mesmo patamar, esse contato levou os romanos a grandes avanços linguísticos. Após a queda do Império Romano devido inúmeras invasões, o latim vulgar entra em contato com muitos povos, ocorrendo assim diversas evoluções. A medida que o latim modifica-se surgem vários dialetos de maneira independente, passando assim denominação de romanos ou romances. O português foi a última

língua a desenvolver-se a partir do latim vulgar, sendo uma das últimas filhas do latim, a língua portuguesa passa então a sofrer diversas modificações até chegar ao Brasil.

Uma das modificações sofrida pela língua portuguesa foi a influência africana, as diversas línguas da África em quantidade maior no Brasil foram o quicongo, quibundo, o iorumbá e o umbundo. O quicongo é falado no Congo e no norte da Angola, o quibundo é a língua da região central da Angola, o iorumbá falado na Nigéria, observa-se que no Brasil essas línguas pertencem a duas culturas: a cultura banta e a sudanesa cada uma delas em diversos locais, o português herdou um número bastante significativo de vocábulos africanos com suas formas e significados originais, isto é observado de maneira precisa na comunidade quilombola de Santa Rosa dos Pretos, sua forma de comunicação com uma expressiva gama de falares, ver-se que é preservado a linguística africana tais palavras como: batucar, cochilar, xingar. Não somente o léxico mais a cultura tal como as danças, a culinária, fazem parte da herança no quilombo, perpassada de geração a geração é ensinada pelos mais idosos, através de conversas sobre sua conscientização, afro descendentes. Na conversa que tivemos com os moradores percebe-se a preocupação de não deixar que sua cultura sofra modificações e deixe de expandir seu legado.

No Brasil, pode-se notar a nova dimensão que a língua portuguesa tomou, demonstrando assim que não se pode separar língua de sociedade e historicidade, sendo assim pode constatar-se que o português brasileiro é um idioma dependente, sempre recorrente a outros idiomas usando empréstimos entre as línguas, porém, cabe ressaltar que as maiores heranças linguísticas foram deixadas pelo índio, o negro e o europeu que juntos geraram o português vigente heterogêneo e extremamente variado, continuando a variar deixando sempre um contato de transformação lexical.

2 HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa proveio do latim vulgar que os romanos introduziram na Lusitânia, região situada ao ocidente da Península Ibérica. Pode se afirmar, com mais propriedade, que o português é o próprio latim modificado. É lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como erradamente se assevera, mas continua a viver, transformado, no grupo de línguas românicas ou neolatinas.

As circunstâncias históricas, em que se criou e desenvolveu o nosso idioma, estão intimamente ligadas a fatos que pertencem à história geral da Península.

Vários povos antes dos romanos nela se haviam fixado. Se depois do estabelecimento destes na região é fácil acompanhar os acontecimentos que aí se desenrolaram, o mesmo não acontece no período precedente.

Com efeito, é bastante confusa a história da Península antes da conquista romana. As investigações feitas através da arqueologia, etnologia e linguísticas levam a concluir que dois povos primitivamente habitaram o solo peninsular: um cântabro-pirenaico e outro mediterrâneo. Destes dois povos se teriam originado respectivamente o basco e o ibero. Coube a este último papel mais importante na história da Península. È de seu nome que os historiadores gregos chamaram à região Ibérica.

No sul de Portugal e na baixa Andaluzia, haviam-se estabelecido os turdetanos ou tartéssios, que se supunha estarem etnicamente ligados aos iberos, mas cujo parentesco não foi até hoje comprovado.

Acerca das grandes riquezas minerais do território, há informações em Heródoto e na Bíblia. Segundo este historiador, um rei dos tartéssios forneceu aos focenses prata em tão grande quantidade que chegou para construir um muro, que lhes serviu algum tempo de defesa contra os ataques de Ciro. Reza a Sagrada Escritura que as naus de Salomão iam até Tarsis (Tartessos), de onde retornavam carregadas de ouro, prata e marfim. Essas riquezas despertaram a cobiça de outros povos. Com efeito, fenícios e gregos se disputaram encarniçadamente a posse da região. O resultado da luta entre eles foi a derrota dos gregos, cujas colônias entraram logo em decadência, arrastando consigo a ruína da própria Tartessos.

2.1 Do Latim aos primeiros textos em Galego-português.

Os romanos ao desembarcar no ano (duzentos e dezoito) 218 ac, constituindo assim a segunda guerra púnica, onde conquistam e dão cabo dos cartagineses no ano (duzentos e nove) 209 e dominam o país; Os povos da península, tem então o latim como língua, exceção os barcos. A península é dividida em duas províncias: *Hispania Citerior e Hispania Ulterior*. Em 27a.c Augusto divide a Hispania Ulterior em duas províncias a *Lusitânia* a Norte, e a *Beltica* ao Sul. Cada província subdivide-se num determinado número de circunscrições denominadas *conventus*: *Lucos Augusto (Lugo), de Bracara (Bragara), Scalabes (Santarém) e de Augusta*(Beja). A romanização deu-se mais rápida e completa no Sul do que no Norte.

Em (quatrocentos e nove)409, a invasão germânica por vândalos, suevos vindos ao Sul dos Pireneus, seguidos pelos Visigodos, dá início a um dos períodos mais críticos da era peninsular, que terá fim em (setecentos e onze) 711 com a invasão dos mulçumanos, daí então segue-se um período de muitas guerras e conquistas. No século V o reino dos suevos atingiu uma grande extensão territorial, mas no ano (quinhentos e setenta) 570, reduziu-se à penas a *Gallaecia*: Em (quinhentos e oitenta e cinco)585, esse território foi conquistado pelos visigodos e ficou sendo parte do seu Estado, mais a contribuição da língua e da cultura foi mínima.

Os mulçumanos invadem e conquistam a Península Ibérica também a Lusitânia e a *Gallaecia*, e os povos bélicos vão gradativamente expulsando os mouros para o Sul da Província e a reconquista cristã que surgirá por volta do século XIX traz consigo o reino independente de Portugal. A Espanha mulçumana até meados, do ano (cem) 1000 domina os seus inimigos cristãos, é uma época grandiosa para o domínio do califado de Córdova, em (novecentos e noventa e sete) 997 AL-Mansur destrói a cidade de Compostela em Nica.

Mais no início do século XI os cristãos novamente planejaram uma reconquista na qual ocorrerá de forma maciça de tal forma que não puderam resistir aos ataques. A cidade de Coimbra é finalmente reconquistada isso no ano (mil e sessenta e quatro) 1064, Santarém e Lisboa em (mil cento e quarenta e sete)1147, Évora em (mil cento e sessenta e cinco)1165, Faro em (mil duzentos e quarenta e nove) 1249, com a tomada de Faro, Portugal é finalmente um território formado. Por fim o restante peninsular só seria, reconquistado definitivamente em (mil quatrocentos e noventa e dois) 1492.Quando reis católicos se apoderam do reino de Granada.

A invasão muçumana e a reconquista são acontecimentos determinantes na formação das três línguas peninsulares- O galego- português a Oeste, o castelhano no centro e o catalão a Leste. Estas línguas, todas três nascidas no norte foram levadas para o sul pela reconquista. (TEYSSIER, 2007.p. 6).

No entanto a expressão com as conquistas mostram como a língua portuguesa cresceu e foi ganhando um vasto território linguístico.

A medida que avança para o sul, ela torna-se mais evidente sendo profunda e duradora do Mondego ao Algarve. Foi nestas regiões, ao norte do Douro e o Mondego, que se formou a língua galego-portuguesa, onde os primeiros textos escritos surgem no século XIII.

Na região do meridional sob domínio muçumano deixará subsistir uma importante população cristã de língua românica: Os cristãos denominados moçárabes "submetido aos árabes" conhece-se pouco desses falares hispano-românicos, mas o suficiente para compreender que formavam em toda a parte meridional da península, uma cadeia continua de dialetos bastante diferentes daquelas que, falavam no Norte. Será mais tarde o galego-português, o castelhano e o catalão. Com a reconquista os movimentos populacionais ficavam mais intensos. Os territórios eram retomados aos mouros que com frequência estavam "despovoados", os cristãos "repovoavam" os territórios e entre os novos habitantes havia vários povos vindos do Norte.

Dessa forma através da povoação foi que o galego-português recobriu aos poucos, toda parte central e meridional do território português. Esta língua galego-portuguesa então do norte sofrerá uma evolução gradativa transformando-se no português. No início do século XIII, quando assim surge os primeiros textos escritos, as reconquistas estavam próximo de terminar, mas suas consequências linguística não.

2.2 Os fatos históricos

Como os romanos foram os primeiros a expandir-se em suas conquistas tiveram uma enorme contribuição na introdução linguística sofrida por suas varias difusões, durante muito tempo acreditou-se os textos mais antigos datavam do século XIII, mais estudos recentes mostram que as escritas surgem no século XII.

Nessa época Portugal com seu reino autônomo já existia, e seu território estava inteiramente reconquistado, e Portugal constitui-se no século XIII, e Afonso Henriques I filho do

Conde Henrique de Borgonha, torna-se independente de seu primo Afonso VII, rei de Castela e de Leão. Separando-se de Leão Portugal separa-se também da Galícia, vindo, mas tarde ficar totalmente independente. Oriundo no norte de Portugal da região noroeste da *Gallaecia*, na Espanha, o português é uma língua indo-europeia derivada do latim. O português é essencialmente o resultado de uma evolução orgânica do latim vulgar (*Sermos Vulgares*) trazido por colonos romanos no século III a.C. Como em toda língua ocorre variações, o latim, língua oficial do Império Romano, delineou-se em latim clássico e em latim vulgar. O latim antigo como uma língua mais rebuscada falada pelos autores da época e pela elite, o latim vulgar era uma forma da língua usada pelos mais pobres (colonos, comerciantes, soldados).

Essa forma mais coloquial da língua, designada de latim vulgar, que expandiu-se por um vasto território até originar as línguas românicas, difundindo sua língua e sua cultura, sua língua a partir de substrato, ou seja, os dominados incorporam a língua dos dominadores, de superstrato cujo dominadores assumem a língua dos dominados e por meio do adstrato, em que ocorre o bilinguismo, duas línguas distintas num mesmo patamar. Observa-se que esse contato romano através de conquistas territoriais os levou a grande avanço linguístico sendo um enriquecimento da língua latina.

Diversas etnias alavancaram a evolução do latim tendo por sua vez, influência Grega, Árabe, Ibérica, Fenícia Hebraica, Sueva e Visigoda, apesar de que muitos vocábulos inerentes a esses povos, não vieram diretamente para o português, mas foram frutos de evoluções que originam o português atual.

Após a queda do império Romano devido a inúmeras invasões, o latim vulgar entra em contato com muitos povos, ocorrendo diversas evoluções, à medida que o latim modifica-se vários dialetos surgem de maneira independente em cada território, por causa dessa modificação dialetal não era mais a língua conhecida como latim vulgar e passam a receber a dominação de romanos ou romances, falares de intermédio entre o latim vulgar e as línguas românicas.

Através dessas constantes modificações que o latim vulgar concebeu o que ficou conhecido como línguas românicas. São elas: Galeno, Romeno, Francês, Espanhol, italiano, Português, Franco Provençal e Rético. Entretanto, o português foi a última língua a desenvolver-se a parte do latim vulgar, sendo considerada uma das últimas filhas do latim.

Com a interação por consequência de várias conquistas herdou-se, várias heranças

deixada no léxico sobre a península ibérica são: Basco, Celta e Fenício. A influência com o contato dos romanos com diversas línguas no território onde Portugal seria erguido.

2.3 O português europeu a evolução fonética

Em meados (mil trezentos e cinquenta) 1350, no momento, que deixa a escola literária galego-portuguesa, e as consequências do desenvolvimento para o Sul do centro de gravidade do reino independente de Portugal vêm à sua maior expansão. Neste interim o português já separado do galego-português por causa de fronteira políticas, vem tornar-se a língua de um país cuja capital é Lisboa, onde reside o rei. E nas partes onde é maior a transição por parte dos reis como Coimbra e Évora tem um papel cultural mais desenvolvido, os mosteiros em *Alcobaça* e de Santa Cruz de Coimbra e uma Universidade que fora criada em Lisboa no ano de (mil duzentos e noventa) 1290, que logo depois foi transferida para Coimbra cidade mais povoada.

Coimbra passa a ser o centro do domínio da língua portuguesa. E é aparte dessa região que o português moderno é constituído longe do território da Galícia e das províncias que então traziam suas raízes. Parte-se então todas as inovações da linguagem que permanecerão.

A língua portuguesa do século XIV até os dias atuais, períodos que permitem esclarecer satisfatoriamente a evolução? Não é fácil a resposta. Alguns estudiosos distinguem-na do português dois grandes períodos: O "arcaico" que vai até Camões e o "moderno" que começa com ele. (TEYSSIER 2007, P.42).

Observa-se que a evolução do português Europeu tem seu início com mudanças dos léxicos onde é formado de vez, Pela maioria dos escritores que utilizam as mudanças lexicais como sua identidade cultural. Entre meados dos séculos XV e fins do século XVII, o espanhol serviu como segunda língua para todos os portugueses cultos, com o casamento de soberanos portugueses e princesas espanholas teve um grande efeito na castelhanização dos nobres e a expansão de sua cultura linguística.

A maioria dos escritores portugueses escreve também em espanhol, Gil Vicente, Sá de Miranda, Luís de Camões, Manuel de melo, os partidários desse bilinguismo, não vê em nenhuma infidelidade para com seu país, é uma maneira pura e simplesmente de enriquecimento

com a língua.

A influência francesa a partir do século XVIII o Espanhol deixa de ser a segunda língua da cultura, passa a ser exercida pela língua francesa não se trata de uma situação bilíngue, mas é nos livros franceses que os portugueses vão busca uma parte de sua cultura, e por intermédios franceses que entram em contato com o mundo exterior.

A gramática nasce em Portugal da cultura humanística cabendo o seu pioneirismo do seu ensino a Fernão de Oliveira, autor de uma gramática da *língua portuguesa* (mil quinhentos e trinta e seis) 1536. A esta segue-se a gramática da língua portuguesa (mil quinhentos e trinta e nove, mil quinhentos e quarenta) 1539-1540, de João de Barros, assim segue-se então uma série de gramáticas normativas e de tratados ortográficos como os de Duarte Nunes de leão (ortografia, mil quinhentos e setenta e seis 1576; origem da língua portuguesa, (mil seiscentos e seis 1606), de Bento Pereira (as *grammaticae* pro língua lusitana, mil seiscentos e setenta e dois 1672), de D. Jerónimo Contador de Argote (regras da língua portuguesa, mil setecentos e vinte e um 1721), quanto a lexicografia portuguesa, ela é filha do humanismo. O primeiro lexicógrafo Jerônimo Cardoso, regide diversos dicionário de português -latim e latim- português (mil quinhentos e cinquenta e um 1551, mil quinhentos e setenta 1570)

Separação do galego, o galego começa a isolar-se do português desde o século XVI, com obras de crônicas troianas. A parte do século XVI o galego deixa de ser cultivado como língua literária e sobrevive no uso oral, sofrendo assim uma evolução fonética que causa um afastamento do português, ensurdecimento das fricativas sonoras escritas; Z, S -E e j (cozer, coser, já) que se confunde-se com ç, ss, e x, pronunciado interdental do artigo ç; transformação, em toda a parte ocidental da Gala, de g oclusivo em uma fricativa velar surda idêntica ao jota do espanhol contemporâneo.

Contração de duas vogais numa única vogal é o caso, quando uma das vogais é nasal, o resultado é uma vogal nasal; ex.; *lã-a* > *lã*, *lõ-o* > (escrito bom), *tê-es* > *tens*, *saente* > *queente* > *pa-ombo* > *pombo*, *fî-es*, *fins*, trinta. O sistema fonológico não é, afetado.

2.4 A formação do vocabulário.

O vocabulário latino foi transmitido ao galego-português e também ao português

moderno, varias palavras no transcorrer foram sofrendo diversas modificações como por exemplo: *pater, mater., fillius, manus, bracchium, aqua, bonus, fortis, viridis, dicere, cadere, amare;* palavras de aparência clássica objetivada na nomenclatura, observe os exemplos transformacionais, latim, português: *comedere*,(comer),*contare* (perguntar), *metus*,(medo), *avis*, (ave),etc. este vocabulário por seus contatos com outros povos não deixou de ser rico em suas expressões mais vulgares, termos populares, *ex: belus, port (belo),em vez de pulcher/ caballus,(port. > cavalo),em vez de equus, cattus (port>gato),em vez de felis, casa (< casa) em vez de domus, grandes (port> grande) em vez de magnus, etc.*

Palavras novas vieram acrescenta-se ao fundo latino, motivados por contatos de outros povos que habitavam a península quando houve a chegada e domínio dos romanos. (*Ex: barro, manteiga, Veiga, sapo, esquerdo,*) tais palavras apresentadas ao basco. Muitos empréstimos vindos de outros povos aos romanos muitos textos vieram do germânico e do árabe.

Outras palavras tinham entrado no latim tais estas, germânicas muito antes da invasão dos visigodos e dos suevos, e encontram-se também em línguas românicas, português guerra, (fra. guerre) guardar (fr, garder),trégua (fr, trêve),outras palavras em português e espanhol que devem ter sido traduzidas pelos visigodos, *ex: ganso, port. luva,(fato, ataviar, guerra, espionar, roubar),*outras formas como, *agasalhar, gana, branco, brotar,* nomes de pessoas como,(*Fernando, Rodrigo, Álvaro, etc.*), Gondomar, Guimarães etc. remota aos suevos e visigodos.

Com a permanência dos mulçumanos em terras da península, árabe,deixou seus traços linguísticos tanto no português como no espanhol, com isso vemos um acréscimo do léxico português de palavras árabes, por volta de mil,(954, segundo José Pedro Machado).nem todas as palavras de origem árabe, uma boa parte foram tomadas aos "mourous", algumas chegaram pela Itália, outras em data posterior provenientes da África, do oriente ou da Ásia, varias delas integram o léxico português com muita veemência, pertencentes ao campo semântico, encontram-se na agricultura, os animais, e as plantas: *arroz, azeite, azeitona, bolota, açucena, alface, alfarroba, javali, alfinete, alicate, albarba, alzuleijo, almofada;* organização financeira: *alcaide, almoxarife, alfândega:* a culinária: *acepipe, açúcar,* é do árabe que se origina a preposição, até, a forma oxalá provem da locução, *wa ^sa' llah* (e queira Deus)

As palavras árabes lusitanizaram-se mediante certas adaptações fonéticas artigo árabe al aglutinou-se com frequência aos substantivos, quer na sua forma pura(al-go-dão), quer na sua forma Árabe antes de palavras antes de palavras iniciadas por uma consoante dental, caso em que o (-l) final do artigo se assimila a esta consoante, este fenómeno produziu diante de (r) -; ar-roz > arroz ;diante de ç-; aç -çucar > aaçucar, az-zeite de ante azeite, ad-dufe> diante de adufe etc.(TEYSSIER,2007,p.23.).

Uma boa parte das palavras árabes hoje já não mais pertence à língua viva de hoje as transformações foram ocorrendo gradativamente, como pode se observar em suas transformações lexicais, e são sentidas como arcaísmo, assim são exemplos: *alfa geme*, *Ana fidalgo*, etc. A arabização do léxico português foi em outros tempos maior que hoje, foi também maior na parte sul que no norte, o que no norte se chama, soro é designada, em Coimbra pelo termo de origem árabe (almece) ou por suas variantes. Por fim a toponímia portuguesa conserva um número considerável de arabismo.

Como todas as línguas românicas, o português possui um vocabulário complexo de palavras que se mantiveram sempre vivas desde a época do latim, e que constituem o "patrimônio hereditário" 'da língua, vieram juntas palavras, criadas, em todas as épocas com base no latim e no grego.

3- O PORTUGUÊS DO BRASIL

3.1 Fatos históricos

Quando os portugueses chegaram ao território brasileiro os índios já ocupavam a imensa pátria com sua riqueza florestal e sua língua nativa de diversas tribos contribuindo para a continuidade e solidificação desse povo. Só a vinte e dois de abril de mil e quinhentos com a chegada de Pedro Alvares Cabral a costa brasileira de quem toma por posse em o nome do rei D. Manuel de Portugal, a colonização portuguesa só inicia de forma definitiva em (mil quinhentos e trinta e dois) 1532. Percebe-se que a colonização deu-se (trinta e um) 31 anos depois da descoberta, tal fato foi ocorrido devido a pouca exploração do novo território. Só então Portugal começa a exploração de forma intensa e marcante.

Conforme “Teyssier” quando os português se instalaram no Brasil, o país era povoado de índios. Importou, depois, da África grande número de escravos. O português Europeu, o índio e o negro constituíam as três bases da população brasileira (2007 p 93).

Como se observa a partir da união dos povos com seus vários dialetos passa a formar uma nova eclosão cultural e linguística das mais variadas formas. Em suma, o português vigente é tão variado sob influência de não só um idioma, mas de vários povos e culturas distintas. O que o tornou heterogêneo e com uma grande multiplicidade dialetal e sociocultural. Portanto, para se entender como essas culturas distintas influenciaram o léxico, é preciso observar o princípio da origem do português Europeu que interagindo com outros idiomas no ano de 1500, gera um português tipicamente brasileiro. Os colonizadores de origem portuguesa falam o português Europeu com características que se acentuam no passar do tempo.

As populações de origem indígenas, africana ou mestiça mais tarde aprendem o português, mais de maneira imperfeita, seus primeiros contatos. Junto ao português existe a língua geral, que é o tupi, a principal língua indígena das regiões costeiras, o tupi uma língua simplificada caracterizada gramaticalmente pelos jesuítas, e dessa forma tornando-se uma língua comum, assim os povos indígenas conservam o seus idiomas particulares de toda uma geração, que denominam-se línguas travadas.

Entretanto, durante muito tempo o português e o tupi viveram juntas como línguas de comunicação. Era o tupi que os colonizadores bandeirantes utilizavam nas expedições. Em (mil

seiscentos e noventa e quatro) 1694 como dizia Pe. Antônio Vieira que as famílias dos portugueses e índios estão ligadas uma as outras as mulheres e filhos criam-se domesticamente e a língua que se fala é a dos índios, e a língua portuguesa é aprendida na escola.

Na segunda metade do século XVIII. A língua geral entra em decadência, razões estas foi a chegada de vários imigrantes portugueses que vinham atrás da riqueza, ouro e diamante. Um decreto criado pelo Marquês de Pombal em três de Maio de mil quinhentos e cinquenta e sete, abrangem Pará e Maranhão mas tarde precisamente em dezessete de Agosto de mil setecentos e cinquenta e oito, a todo o Brasil, lei decreto este que proibia o uso da língua geral e obrigava-se oficialmente o uso da língua portuguesa. Com a expulsão dos jesuítas em (mil setecentos e cinquenta e nove) 1759 da colônia, afastava assim os principais protetores da língua geral, passados cinquenta anos mais tarde o português eliminaria definitivamente esta última como língua comum, restando assim apenas um certo número de palavras integra das no vocabulário português local.

Assim no decorrer do século XVIII que se documentam as primeiras alusões às trações específicas que caracterizam o português falado no Brasil, e também neste mesmo período registra-se dialetos ultramarinos como Índia, Brasil um vocabulário exótico ou arcaico. Em (mil setecentos e sessenta e sete) 1767, Frei Luís do Monte Carmelo (com pendido de ortografia) assinala um traço fonético pela primeira vez no Brasil, na questão de não fazerem distinção nas pretônicas abertas (ex: padeiro, pregar, córar) e as fechadas (ex: cadeira ,pregar, morar) alguns brasileiros dizem minino (menino), mi deu (por me deu) os -S implosivos (mistério ,fasto, livros novos).

A língua que a naus lusitanas nos trouxeram com o descobrimento era o português do século XVI, ainda próximo do século XV mais já na sua fase final. O texto mais antigo e inaugural de nossa literatura é a famosa carta, do escrivão Caminha, sem duvida obediente a norma culta como convinha a um "cidadão do porto", não seria esta a linguagem usada pelas marinagem nem pelos ocupantes (de vários níveis culturais). Muito mais próximo do português dito moderno, a carta de Caminha é documento literário expressivo da passagem da fase arcaica da língua para a moderna, em especial no período clássico.

Portanto estamos no limiar de um novo século. E a língua portuguesa ia deixando cada vez mais roupagem arcaica para ir se tornando Ouropeís latinizantes. Caminha como já

citado esta na transição. A sua linguagem, de modo geral não traz dificuldade a um leitor moderno, formas arcaicas exemplos: *moor* (mor), *asy* (assim), *nom* (não), *leixarey* (deixarei), *milhor* (melhor), *inorancia* (ignorância), *afremosentar* (aformosear), *poer* (pôr), *amtre* (entre), *contrairo* (contrário), *seer* (ser), *deziam* (diziam), *camtidade* (quantidade), *todolos* (todos os), *huû* (um), *despois* (deois), *geolhos* (joelhos). Pode-se dizer que esse português quinhentista foi base do português do Brasil, não porém, no sentido justamente verberado. O português sofreu diversas influências como o tupi e o africano, ainda não bem identificada ordem de falar na pronuncia ou no fraseado, também se foram incorporando na sede do governo que ia constituindo o padrão culto que acaba assim por predominar, nas cidades interioranas chegam com dificuldade, sendo que essas cidades continuavam ainda fiéis ao passado, daí uma área rural arcaizante e um meio urbano inovado.

Quando os colonizadores ancoraram nas praias do Nordeste logo vieram ao seu encontro homens nus, eram os tupis povo nômade, que migrava na direção Sul-Norte. Encontravam os tapuias que os expulsavam para o Leste do centro do Brasil, em direção ao Norte onde estavam os caribes que chegaram até as Antilhas, onde encontraram com os *areragues*, vencendo-lhes e roubando as mulheres, por isso os Europeus ao chegarem as Antilhas, observaram que as indígenas falavam uma língua (o *aruague*) e os homens outra o caribe: Observa-se o problema da língua indígena no Brasil; A primeira classificação compreensivamente empírica foi a dos missionários jesuítas: tupis e tapuias. Mais tarde um critério mais linguístico distingue entre as línguas geral (*guaranis*, *tupinambás*, *tupiniquins*) e grupos das línguas travadas (*jês*, *cariris*, *panos*, *guaicurus*).

Em seu objetivo catequético os jesuítas sentiram a necessidade de ter contato mais direto com os aborígenes e então resolveram estudar a língua, naturalmente estudaram o tupi língua mais falada na costa do Brasil, para facilitar resolveram gramatizá-lo usando regra meta linguística greco-latino, no que tivera grande êxito. Essa língua geral desdobrou-se em duas variedades: O *abanheenga*, ao sul e o *nheengatu* ao norte. A enorme contribuição sociolinguística indígena é de uma grande importância na construção linguística do Brasil vê-se uma enorme influência das línguas indígenas e africanas no português no Brasil, a contribuição fonéticas e morfossintáticas atribuídas a interferência entre esses falares de um lado e a língua portuguesa de outro em solo brasileiro são as mesmas. Na verdade conhecidos processos de crioulização, como

desgastes fonológicos e simplificações morfossintáticas.

A contribuição lexical é indubitavelmente e generosa. A toponímia é riquíssima: *Pará, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Piauí, Sergipe, Paraná, Goiás, Acre, Amapá, Roraima, Tocantins*, (estados do Brasil). *Manaus, Macapá, Quixadá, Itabaiano, Sabará, Guaratinguetá, Niterói* (cidade). As designações indígenas dizem mais respeito a aspectos naturais do que culturais: *Abacaxi, capim, cipó, caju, aipim, macaxera, mandioca, maracujá, etc. (vegetais); Araponga, capivara, gambá, jacaré, juriti, sabiá, saúva, tamanduá, etc. (animais)*. Todos esses traços subsequentes demonstram a vasta contribuição linguística indígena no português brasileiro.

Por consequência o português do Brasil sofreu no período colonial continuas relusitanizações o estudo da língua portuguesa no Brasil no século XVII tem de ser enforcado sob dois aspectos: O da língua culta, escrita, e o da língua corrente oral. A primeira mais própria dos centros urbanos, e a segunda predominante nos meios rurais. Nas vilas e nas cidades havia sempre pequena elite, onde tinham um falar muito próximo ao da metrópole, tal fato que não acontecia entre os nativos e mestiços que já iam trazendo alterações as pronuncias e a várias das inovações lexicais.

No Brasil não houve praticamente luso castelhanismo. E o bilinguismo luso-tupi estava realmente indo à extensão. Por vários motivos dentre eles, a maior difusão da língua portuguesa, com o surgimento de novas cidades com a cultura e língua dos colonizadores: A entrada de negros africanos, os negros iam convidando e observando o uso da língua portuguesa. E deixando que a geral tupi-guarani que aos poucos iam abandonando, motivo tal que estavam na casa de seus senhores os patrões, que com eles se comunicavam em português. Esse foi um dos fatos da língua portuguesa no Brasil. Os próprios índios pela mestiçagem, em várias gerações de mamelucos, mais tarde “caboclos” igualmente vieram a adotar a língua portuguesa.

Conforme Silvio Elia (2003, p. 85) durante o período não cessou o fluxo de portugueses no Brasil. Convém ainda sublinhar que o governo português procurou sempre administrar com base jurídica, o que a permitiu a constituição uma sociedade organizada.

Observa-se que esse movimento contribuiu muito para o crescimento organizado da colônia facilitando suas leis forma de implementação cultural (religião, letra, ciências e artes). Explica-se também a absolvição da literatura como arte proveniente dos colonizadores portugueses.

O Século XVIII (dezoito) vê também uma reviravolta no enfoque dos estudos linguísticos, e consecutivamente nos métodos de ensino. E toda essa passagem tinha por centro Portugal, que ainda não possuía o Brasil nem universidades, nem imprensa, nem biblioteca. Existia um ensino muito bem estruturado humanitário dirigido pelos jesuítas. Observa-se que o ensino que afluía de maneira a preservar uma língua geral nativa. Com isso muitos estudantes saíram para um estudo proveitoso em outros países. Uma vasta gama de livros era produzida em Portugal algo que facilita a expansão da língua através da escrita e da leitura, livros, por mãos de particulares, circulara de diversas maneiras alguns em pequena quantidade, autorizados e proibidos, de forma crescente, desde os primeiros momentos da fixação. O governo metropolitano, por vezes, divulgou os que lhe interessavam, mais seus órgãos de censura e orientação política tentaram barrar o que julgavam perniciosos ou impertinentes a seus objetivos. Tais exemplos têm a destruição total da obra de Antonil, cultura e opulência do Brasil.

O governo tinha interesse memorável nessa construção, pois convinha estabelecer sua hegemonia linguística e cultural, exterminando a cultura linguística existente e uma ordem de impor regras para um ensino linguístico é salutar no país conquistado.

Em (mil setecentos e cinquenta e nove) 1759, com a expulsão dos jesuítas, o que sofreu o Brasil não foi uma reforma de ensino, mas a destruição pura e simples de todo sistema colonial do ensino jesuítico. No que diz respeito a educação podemos citar dois momentos da recuperação nacional luso-brasileira; Em Portugal a fundação do colégio dos nobres em (mil setecentos e sessenta e um) 1761, afim de formar uma "nobreza virtuosa"; E no Brasil, a institucionalização em (mil setecentos e noventa e oito) 1798 do seminário de Olinda, onde rompia decisivamente com a tradição humanística literária herdada dos jesuítas; Eis algumas pronúncias da língua, a colheita, como se seria de esperar sugere-se praticamente ao léxico, alguns termos com sentido antiquado: Descer (*descender, derivar*) encontrar (*ir de encontro a*), documento (regra preceito) enorme (monstruoso), explicar (mostrar) *retorquir* (retroceder). Termos referentes a natureza: *bosques, brenhas, campinas, grutas, montes, riachos, choça, colmos* relva. O léxico se reflete na realidade nativa quase sempre vocabularizadas em tupi, eis mais alguns nomes das riquezas naturais do Brasil onde uma vasta influência tupi: *tapiti, puba, tapioca, aipi (aipim), maniçoba, taioba, caroba, capeba, cará, pitimba, guaiaba (goiaba), janipapo (jenipapo), cipó, urucu, surarana (suçuarana), jebóia, paca, teiú (teju), cutia, perea*

(*preá*), *aracã* (araguã). A língua portuguesa tem suas transformações a partir do contato com o tupi brasileiro e passa assim há uma nova forma vocabular.

3.2 Característica do Português do Brasil

Português do Brasil apresenta diversas particularidades como diversidade geográfica e diversidade cultural um dos fatores é que o povoamento foi a partir de todas as regiões de Portugal, os colonos portugueses elaboraram uma *koiné* com traços marcados dos falares portugueses da região norte e por uma generalização das maneiras não marcadas do Centro Sul, com isto com sua grande extensão territorial há uma variedade linguística o que se pode observar é que as cidades próximas a fronteiras tem seus costumes diferentes e com isso vê-se que as divisões dialetais no Brasil é geográfica que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são variadas num determinado lugar entre seu vizinho culto e seu vizinho analfabeto do que entre dois brasileiro do mesmo nível cultural originários de duas regiões distintas uma das outras, observa-se que há uma série de níveis no "brasileiro" "língua das pessoas cultas, língua vulgar das camadas urbanas menos instruídas, os falares regionais e rurais, vê-se nas camadas socioculturais uma norma brasileira de estudos linguísticos.

Assim citamos Antenor Nascente em sua classificação de quatro subdialetos no Brasil. Depois de percorrido todo território nacional e perceber um conhecimento mais amplo dos vários linguajares e faz uma nova divisão, que o mesmo não considera "definida" caracteriza seu subfalares o que distingue em dois grupos: O do Norte e o do Sul, com suas "existências de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em mente".

No que se refere há uma zona que ocupa uma posição equidistante dos extremos setentrional e meridional do país. Parte dos estados do Espírito Santo, Bahia, parte central de Minas. Todos os subfalares da língua brasileira apresentam notas distintivas do português ultramar no vocabulário, na fonética, na sintaxe e na semântica. No vocabulário - um rol de palavras criadas com a construção do índio, do negro, outras no seio das camadas populares.

Características fonéticas e fonológicas com é observado as palavras de origem latina, modificada para o português com as variações linguísticas encontradas no Brasil, sofre

consecutivamente varias transformações, assim manutenção da distinção entre / p / e / v / como hoje se ver entre: bala e vala, simplificação dos sistemas sibilantes. A *koinê* brasileira generalizou a norma portuguesa do centro-sul, de -se modo eliminando as particularidade marcadas do centro-sul e continuou a evoluir segundo a deriva do português europeu e simplificou [ts] em [s], na pronuncia de chiante de S e Z implosivo , o português do Brasil apenas parcialmente a inovações europeias.

Na maior parte do Brasil, os S e os Z implosivos são sibilantes, realizados com [S] em final absoluto, (atrás, uma vez), consoante surda (vista, faz, frio), no Rio de Janeiro na zona carioca e em outros pontos do litoral encontram-se [S] e [Z] chiados, como ocorre também em Portugal. A pronuncia das vogais átonas, o falantes brasileiro pronuncia [U] o - o gráfico, assim como o português, mais diz [I] por - é , ignorando a realização [ë]; posso pronunciado [pósu], passe pronunciando [pási] conservando no " brasileiro`` a fala que era do português europeu da primeira metade do século XVIII. Em posição pretônica, o brasileiro conserva o timbre de i e o dizendo pegar com [e,] e morar com [,O], essa pretônicas, fechadas no centro-sul, é aberta no norte e no nordeste, os falantes brasileiros mais uma vez pratica transformações excepcionais das pretônicas que era conhecida pela língua antiga, por exemplo: entrar e estar por *intrar e istar* , menino pronuncia *mininu*, costume *custumi*. A diferença estar entre [e] e [i].

Conforme (Teyssier, 2007, p. 101) os brasileiros ignoram qualquer posição a vogal central [ë] que é tão característica do português europeu, acrescentando-se também que o " a " pretônica é expresso com "a " aberto, ex: cadeira. Conserva-se também no Brasil [e y], para ditongo que aparece em formas como por exemplo, lei, e primeiro (*primero*).

Portanto a nasalização das pronuncias do falar dos brasileiros se difere ao português europeu em sua forma expressão fonética, pronuncia-se [ê ý] e não [ä y'] o ditongo ocorre também em, ex: bem ,tem, correm, etc. a conservação de [e´], antes de consoante palatais, exemplo: venho, espelho, vejo, fecho, (substantivo).

Algumas reações ortográficas que são praticadas em Portugal são desconhecidas no Brasil pronuncias como: decer, picina, o português europeu emite essas implosivas chiantes, exemplo escreve-se no Brasil, fato, e em Portugal facto com [k].

Essa sílaba pretônica, o Brasil ignora, para as vogais escritas; /a /e/ e /o/, a posição do timbre aberto e fechado, Portugal opõe o /ä/ de cadeira ao a de pádeira, /ë/ de prégar, o /u/,de

morar ,ao /o/ de córar, o Brasil conhece apenas /a/e/ e /o/. Pronúncias de chiantes de -S-e-Z-em final de palavras, provoca, não raro o aparecimento de um iode ex: atras, luz, pés, pronunciados como [atrays], [luys], [peys], grupo de consoantes que ocorrem em certas palavras de origem erudita , exemplo: (admirar, advogado, observar, psicologia, ritmo).

Nos grupos asem oclusivas [T] e [D], são geralmente palatais ex: tio mentiu. Pronúncia de R em final de frase em certos registros e vulgares, o português do Brasil tende a suprimir o, /o / o /r/ em final das palavras, ex: *doutô*, (doutor), *pega*, (pegar).

O português brasileiro é simplificado assim como o código de tratamento, em Portugal o vos desaparece e o tu sobrevive apenas no extremo sul, e existem apenas duas formas o tratamento por você, que é familiar, e o tratamento por o senhor, a senhora que é mais referente. Em suma o português do Brasil possui um vocabulário, que em parte se distancia do de Portugal. A forma escrita é diferente nos dois países, ex: diretor, ação, no Brasil; *director*, *acção*, em Portugal. (TEYSSIER,2007.P,108).

Dessa forma observamos uma imensa diferenciação nas palavras entre os falantes dos dois países, dissemos, aeromoça no Brasil a hospedeira em Portugal. A distância entre o Brasil e Portugal tem muito haver com sua cultura, sua forma popular, a vivência de sua gente, ambos com suas riquezas particulares.

O vocabulário originário do tupi observa palavras como: *capim*, *cupim*, *mingau*, *guri*, *caatinga*, *moqueca*, *cunhã*; da flora brasileira é considerável, ex: *abacaxi*, *carnaúba*, *mandacaru*, *mandioca*, *taquara*, *sapé*, arvores como, por exemplo, peroba, canjarana, araticun, jaboticaba, cajú. Uma mesma relação na fauna do país: *capivara*, *quati*, *tatu*, *sagüi*, *caninanan*, *sucuri*, *piranha*: pássaros: *urubu*, *curinga*, *curió*. O tupi ainda nos legou aspecto espectrais, chamados: *saci*, e *caipora*; algumas palavras do tupi entram nos falares, ex: *andar na pindaíba*, *estar de tocaia*, *cair na arataca*. E assim constitui-se este vocabulário tipicamente brasileiro.

O vocabulário de origem africano no Brasil levanta problemas complexos, é que certas palavras passaram diretamente da África a Portugal, sem transmitir a Portugal sem transmitir pelo Brasil, e logo depois trazido pelos portugueses, ex: *inhame*, *palavra africana*, *nâme espanhol*, é grande a contribuição lexical, e, entretanto duas línguas africanas importante no Brasil, o ioruba (falado atualmente na Nigéria). O quimbundo (falado em Angola). O ioruba base vocabular da Bahia, com relação ao candomblé ex: orixá, na cozinha, (*vatapá*, *abará*, *acará*, *acarajé*), o quimbundo levou ao Brasil um vocabulário mais divers,(ex: *caçula*, *cafuné*, *molambo*,

moleque), ainda (*senzala, mocambo, maxixe, samba*), fazendo do vocabulário brasileiro muito rico e extenso.

4 A LÍNGUA AFRICANA

4.1 fatos históricos

A língua portuguesa é formada por várias etnias, dentre elas a do negro africano, que mesmo existindo no Brasil de forma sub-humana deixa o legado na cultura, na dança, na culinária e, sobre tudo no léxico. A influência de origem africana no Brasil é notória quando se reporta a um passado não muito distante, quando o fluxo de escravos oriundos da África se tornou intenso na colônia durante o século. VI até o século XIX. O português seria mais extensivamente exposto á influência das línguas africanas, pois de (mil quinhentos e trinta e oito a mil e oitocentos e cinquenta e cinco)1538 a 1855 foram trazidos dezoito milhões de escravos negros, sujeitos a um contato mais intenso e popular com a população branca.

Os escravos importados da África e Ásia vinham para trabalhar nas lavouras em razão da resistência indígena de submeter-se ao trabalho escravo, com a vinda desses povos, o léxico acabou por modelar-se mediante a implantação de novos hábitos linguísticos de origem afros.

Conforme Elia (2003, p. 36) "muito mais do que o índio, o negro se integrou como cidadão na cultura brasileira, da qual é em nossos dias um dos mais valiosos agentes "por isso é preciso reconhecer a riqueza das línguas africanas e passá-las adiante elevando seu prestígio para o estudo a construção e compreensão de tantos vocábulos empregados ao idioma. Em (mil quinhentos e cinquenta) 1550, a mão de obra indígena foi suprida pela do negro africano. Economicamente mais atraente, o negro garantia altos lucros aos portugueses, que ganhavam com o tráfico de escravos da África.

Nessa imensa torre de babel linguística, em que se encontrava o território brasileiro durante o tráfico negreiro, os escravos africanos utilizavam o português como segunda língua, porém manejavam-na de maneira imperfeita e incorporavam nela seus hábitos linguísticos. Todavia, algumas palavras foram incorporadas ao léxico brasileiro pelos próprios portugueses, e não pelos escravos, visto que algumas palavras passaram diretamente da África para Portugal, como é o caso da palavra *inhame*.

Dentre as diversas línguas da África, as que consistiram em maior quantidade no Brasil foram *o quicongo o quimbundo, o iorubá e o umbundo*. O quicongo é falado na república democrática popular do congo e no norte da Angola, *O quimbundo* é a língua da região central da

Angola. O *ioruba* é falado atualmente na Nigéria. O *umbundo* é falado no sul de Angola e em Zâmbia.

No Brasil, estas línguas pertenciam as duas culturas: a cultura banta, e a sudanesa, cada uma com seu grupo de línguas que se espalharam em diversos locais, sendo eles: Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Pernambuco, Minas Gerais, Alagoas e Bahia cabe ressaltar que na Bahia, o *ioruba* apresenta-se de maneira mais acentuada. Os termos banto e *iouruba* são nomenclaturas contemporâneas e no Brasil colônia essas línguas eram designadas mediante sua procedência africana.

O português herdou um número significativo de vocábulos africanos com formas e significados originais, é o caso das palavras: *macumba, sambar, xingar, muamba, tanga, sunga, jiló, maxixe, candomblé, umbanda, maracutaia, forró, capanga, mangar*. Em contra partida, observou também alguns que foram usados mediante sua tradução literal da África, como por exemplo: mãe-de-santo (*alorixa*), dois (*ibêji*).

Teyssier (2007), no que tange a influência das línguas africanas no vocábulo ressalta:

As principais línguas no Brasil eram: o quimbundo, pertinente a angola, e o iorubá, inerente a Nigéria. Na Bahia, o iorubá é muito peculiar, sendo utilizado para referir-se as cerimônias do candomblé como orixá, é empregado na cozinha afro-brasileira nomeando pratos como vatapá, abará, acarajê, já o quimbundo foi utilizado mais abrangente, para referir-se a vocábulos bem comuns, tais como: caçula cafuné, moleque.

O *quimbundo* por ser a língua empregada no norte e no sul do país e possuir nomenclaturas de uso em geral, proporcionou um acervo mais extenso em relação ao léxico. No Brasil as palavras bantas mais conhecidas são: *caçula e moleque*. Já o iorubá possui um enorme contingente quando se refere aos regionalismos entidades e comidas.

4.2 Influência Africana sob a Língua Portuguesa

No que se refere às influências africanas de origem do *quimbundo* e do *iorubá* vemos tais expressões quotidianamente em letras de músicas ou em citações literárias como a de Castro Alves expressando o sofrimento dos escravos. É comum encontrarmos vocábulos de origem que são utilizados no Brasil, alguns termos bantos tais como: samba, calunga (divindade do culto

banto - *candomblé*- da linha de iemanjá ou do descendente de escravos fugidos e libertos das minas de ouro do Brasil) candonga (amorzinho, benzinho, pessoa querida).

Do *quimbundo* uma das línguas banta: kawo kabiesile kawo (saudação a xangô, orixá da justiça e é dono de um instrumento musical, o xerê uma espécie de chocalho); *okê arô okê* (saudação a Oxossi, orixá dono das matas, da natureza, muitos que cultuavam Oxossi não sobreviveram ao tráfico negreiro e ao cativo, orixá está relacionado à dança, detentor de um bailado ligeiro quase uma luta).

Deste modo, seja na língua, na dança, na cultura, são extensas as influências inerentes à nação africana, mais o que se pode dizer é que os mesmos juntamente com o povo europeu e o índio constituem não só acervos léxicos, mais também, as bases da construção da identidade do povo brasileiro, em razão da abrangência sociocultural, aqui deixada.

Os vocábulos de procedência africana que passaram ao nosso léxico são variados vejamos; *benquela, cachimbo, cacimba, quando, alufá, babalorixá, zumbi, batuque, ambrozó, sambá, agogô.*

Alimentos: *abará, vatapá, quitute, efô, mugunzar, quenga, quibebe;*
 animais: *camundongo, gongolô, caxinquelê, marimbondo,*
 árvores plantas: *mutamba, mulungu, dendê, diamba, guandu, inhame, chuchu, jiló, maxixe, munganga, quiabo, quiombô.*

Da mesma proveniência também se contam em nosso vocabulário alguns adjetivos: *banguelo, caçula, caçanje, cambembe, cannhengue, capiongo, macambuzio, mazanza, xacoco,* verbos, formados de nomes já integrados no indíomas: *aquilombar, banzar, batucar, cochilar, candogar, sungar, xingar,* deparam-se nos também alguns exemplos de influências negra, embora raros, fraseologia: *dançar o lambar, estar de calundu, etc.*

5- O QUILOMBO DE SANTA ROSA DOS PRETOS.

O quilombo de Santa Rosa formou-se a partir do tráfico negreiro trazido ao Maranhão. Naquela época, formou-se o Estado do Grão-Pará e Maranhão, cuja administração era feita diretamente por Portugal, conseqüentemente foi fundada a companhia do Comércio Grão-Pará e Maranhão. Com o objetivo de a mesma fortalecer o comercio mercantilista com Portugal. A atuação da Companhia acarretou mudanças na sociedade maranhense, como a proibição da escravidão indígena.

A partir da fundação da Companhia do Comércio do Grão-Pará e Maranhão, houve um crescimento significativo de escravos africanos na região. Até (mil setecentos e cinquenta e cinco) 1755, calculava-se que entraram mil escravos no Maranhão. No período de existência da companhia, entre (mil setecentos e cinquenta e cinco e mil setecentos e setenta e sete) 1755 e 1777, este número saltou para doze mil.

5.1 História da comunidade de Santa Rosa dos Pretos

A comunidade quilombola Santa Rosa dos pretos localizada as margens da BR (cento e trinta e cinco) 135 que liga São Luís a Teresina, é um importante território remanescente de escravos, onde os costumes, tradições, manifestações culturais afro-brasileira são mantidas pelos seus descendentes.

As terras de Santa Rosa dos pretos foram doadas pelo então latifundiário, Joaquim Raimundo Nunes Belfort que tinha o mesmo nome de seu pai um coronel de milícias e dono de escravos. Sua mãe Cândida Rosa Ribeiro, era filha abastada da região de Rosário. Segundo Coutinho (2005),

O barão não foi varão de muitas letras, mais era político liberal de prestígio e republicano histórico, senhor de grande numero de escravos e dono de engenho de produção de açúcar, na sua fazenda Santa Rosa (...), foi um político que não ultrapassou os limites de sua terra natal, Rosário e, depois Itapecuru, quando este foi desmembrado e a povoação de Santa Rosa passou a nova freguesia (COUTINHO, 2005, p. 334/335).

Após a abolição, em (mil novecentos e oitenta e oito) 1988, alguns ex- escravos do Barão permaneceram trabalhando em sua propriedade, passando de cativos a agregados. Em

contrapartida do que poderia ser interpretado como demonstração de fidelidade ao seu ex-dono, Joaquim Raimundo Nunes Belfort deixou em seu testamento a área ocupada por seu ultimo centro de lavoura para usufruto perpetuo desses escravos. De acordo com Lucchesi (2008) na transição do testamento do Barão, datada de (mil novecentos e vinte e cinco) 1925, há o seguinte trecho:

"1- reconheço aqui *solenimente* por meu filho Américo Nunes Belfort havido minha *viuves* de América Henriques, mulher livre e solteira. "2- Deixo para uso de fruto de Itapecuru, na segunda légua ao fundo, onde tive o último estabelecimento de lavoura, com uma légua de fundo e meia légua de frente, podendo roçar nas mesmas terras, sem ônus algum, todos aqueles que me serviram como escravos, durante sua vida e a dos seus, não podendo em tempo algum serem vendidas, alienadas, ou doadas a pagamento as ditas terras que constituem um patrimônio perpetuo aos acima declarados e descendentes.

Dessa forma, o território de Santa Rosa constitui uma herança histórica deixada pelo Barão, que dizia que as terras não poderiam ser vendidas em tempo algum, Passando a ser um importante legado cultural, tendo em vista, que o documento de doação do Barão passaria de geração a geração, tendo sempre o mais velho dos descendentes direto dos escravos como curador.

Além das terras de Santa Rosa, que passaria a abrigar a comunidade de santa Rosa do Barão, mais tarde conhecida como quilombo Santa Rosa dos pretos, permaneceu como legado o sobre nome Belfort. Seguindo um costume da época, os escravos do plantel segue o nome do seu dono. Mesmo depois de forros, muitos ex-escravos continuam a usá-la. Foi o que aconteceu com aqueles que permaneceram nas terras. A maioria dos moradores possui o sobre nome Belfort.

A comunidade é conhecida por diversos órgãos nacionais e internacionais como quilombola, associação brasileira de antropologia (ABA), a fundação cultural palmares (FCP), a fundação ford (FF), a universidade federal do maranhão (UFMA), a secretária de cultura do estado do maranhão , o serviço social do comercio do maranhão (SESC-MA), o projeto de apoio a comunidades de quilombos no Brasil (PROACQ), o instituto brasileiro de ação popular (IBRAP), o instituto marquês de valle flor (IMVF), a fundação iteramericana, e a comissão europeia.

Durante toda a sua trajetória a comunidade manteve intensa as manifestações folclórica, tais como *o tambor de crioula, dança do coco, o tereco de caixa, o festejo do divino*

espírito santo, o festejo de nossa senhora da conceição e o tambor de minas, e foram preservadas as fontes de subsistência que no caso santa rosa e a roça de toco, a produção de farinha d'agua, extrativismo do babaçu, criação de animais, caça e pesca, Árvores frutíferas.

Observa-se que a comunidade de Santa Rosa, demonstra que possui uma trajetória histórica própria cujas raízes estão fixadas no sistema escravocrata, mas especificamente no antigo plantel de escravos da família Belfort. Durante toda sua existência os moradores lutaram resistindo as pressões pela posse da terra e conseguiram se manter ocupando boa parte do território. Tendo uma consciência de origem comum, que se revela em termos "os trocos veio", como a consciência do direito, inclusive em termos jurídicos, favorecem uma notável coesão do grupo. Porém, conforme a antropóloga Fernanda Lucchesi (2008). Apesar de sua riqueza, em termos políticos e culturais, o território hoje ocupado é insuficiente para regularização física, e cultural da comunidade. A não regularização de um território capaz de garantir essa plena reprodução, assegurada pelo decreto (oito mil oitocentos e oitenta e sete) 8.887 pela convenção (cento e sessenta e nove)¹⁶⁹ da *oit*, implicaria em uma perda não só para a comunidade, mais para toda a nação uma vez que colocaria em risco o patrimônio histórico e cultural desta.

6- FORMAÇÃO LINGUÍSTICA EM SANTAROSA DOS PRETOS.

Na formação linguística da comunidade, percebemos muitos falares oriundos da África, por herança cultural trazidos por seu povo cativo, os vocábulos de procedência africana, que passaram ao nosso léxico, de maneira geral foram: *Bangu, Benguela, cachimbo, cacimba (poço), carambola, guandu, murundu, palavras usadas em rituais: ogum, olodum, orixá, xangô, babalaô, candomblé*. Palavras usadas na danças, instrumentos musicais: *jongo, maracatu, samba, berimbau, banza, marimba, agogô*. Bebidas: *cachaça, vatapá, angu*, ainda vemos presente muitas outras palavras de origem afro que vinculam na comunidade: *maribondo, camundongo, dendê, diamba, jiló, maxixe, quiabo, cachimbo, mocambo, carimbo, moleque, senzala, cafuné, mucama*.

É comum diante da pesquisa realizada vemos que tais elementos fraseológico serem expressas na comunidade de maneira natural, indicando assim que tudo é transmitido pelos mais idosos preocupados com sua origem afro o elemento negro.

A língua é um bem comum a todos, determinante territorial e cultural de um povo. Não podemos pensar em língua superior ou inferior num país onde a diversidade linguística é tão marcante. A importância dos processos comunicativos nas sociedades urbanas e rurais revela-se na habilidade do falante em usar a sua língua para interagir com seus semelhantes comunicando seus pensamentos sentimentos e ações por meio de signos vocais, a língua.

É possível dizer que a educação linguística de cada indivíduo começa logo no início de sua vida, quando em interação com a família adquire a língua materna como é o caso, de Santa Rosa dos Pretos, não existe um padrão de linguagem que possa ser considerado marcas, as pessoas não falam do mesmo modo e até uma mesma pessoa não fala sempre da mesma maneira.

Assim sendo a linguagem sofre diversas modificações no tempo e no espaço, isto é perceptível ao longo da pesquisa realizada no quilombo, sua identidade linguística é bem evidenciada através dos seus lusos-falantes.

6.1 Resultado da Pesquisa

Com base na pesquisa realizada, destacamos aqui algumas palavras utilizadas pelos moradores de Santa Rosa dos pretos, dessa forma observamos o vasto léxico linguístico

expressado, e gesticulado de maneira sonora, alguns desses sons são entendidos por seus receptores.

1 - Denotações linguísticas de Santa Rosa Dos Pretos.

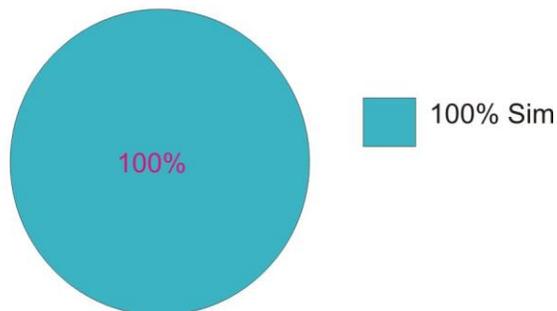
Estamos	Tomo
Tal	Tar
Olho	Oi, zoi
Somos	Somo, semus
Porque	Prumodique
Dificuldade	Dificulidade
Em cima	Inriba
	Oi êê, oiaiêê
	Uiêê, uiiaa, rii
Oi	Iii, iê
	Marmininu
Persequi	Presegui
Prejudicar	Projudicar
	Marraaapá
	Simsim ôô
	ê ê ê
Libélula	Bisal, macaquinho.

6.2 Questionário

Na comunidade de Santa Rosa dos pretos estivemos conversando sobre sua origem africana sua, cultura e as manifestações, sua diferença dialetal forma de comunicação, e os

preconceitos linguísticos sofridos com os moradores na qual aplicamos questionário para sabermos como lhe dão com tudo isso.

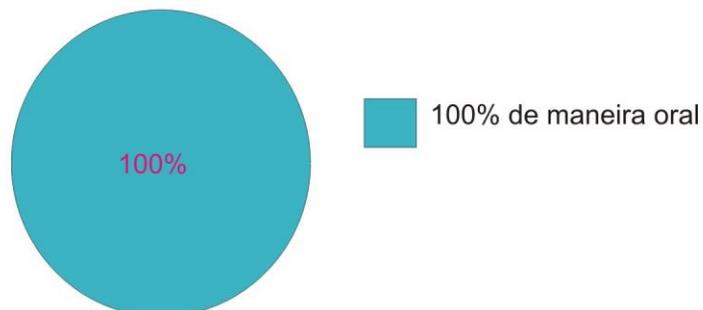
1- Vocês ainda preservam a linguagem africana?



Fonte: Pesquisa direta, 2014.

As dez pessoas entrevistadas foram unânimes e responderam que sim, a linguagem africana ainda é ensinada aos mais jovens, uma maneira de preservar sua cultura, e se orgulhar da sua descendência no quilombo.

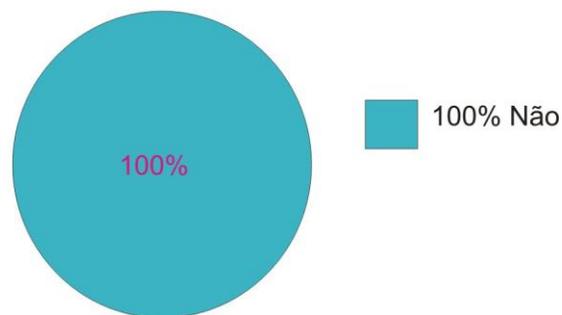
2 - Como é transmitida a herança cultural da língua africana?



Fonte: Pesquisa direta, 2014.

Os moradores responderam que é transmitida de maneira oral, na conversa com os mais jovens, e conscientizando os mais velhos a sempre dialogarem sobre sua herança cultural, nas regiões circunvizinhas.

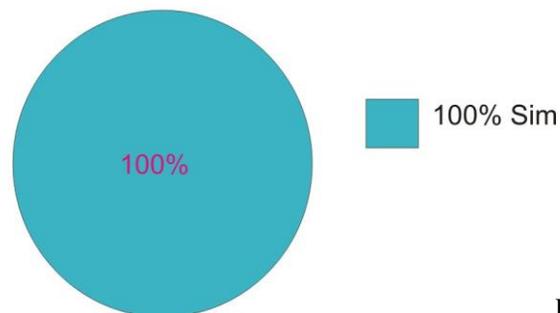
3 - Você se sente constrangido por fazer de uma etnia, e sua maneira de falar?



Fonte: Pesquisa direta, 2014

Os moradores responderam que não por fazer parte de uma etnia, mais já sofreram muitas discriminações por seu modo de falar, pois as pessoas não entendem suas diferenças, muitos observam sua cor e ficam olhando de lado, com menos prezo.

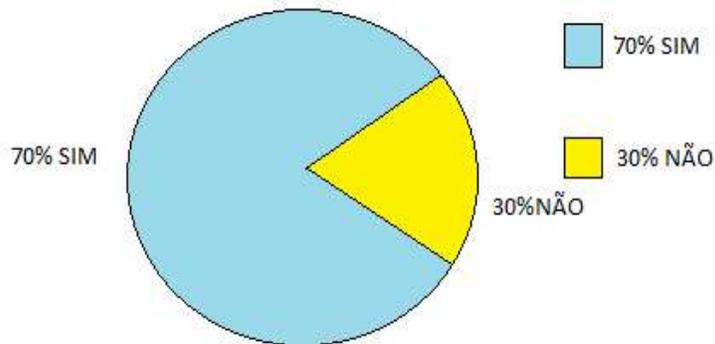
4 - Você já sofreu discriminação em algum lugar publico?



Fonte: Pesquisa direta, 2014.

Sim, muitas vezes pela maneira de falarmos muito auto, mais é nossa cultura de preto falar em tom auto, muitos se sentem incomodados, com nois preto, não entendem nosso jeito, nossa cor.

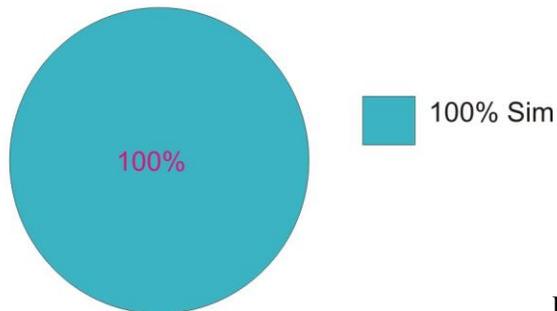
5 - Você se sente constrangido ao falar em lugares públicos com pessoas da cidade por achar que fala errado?



Fonte: Pesquisa direta, 2014

Sete pessoas disseram que sim, três não. Pois já superamos, passamos por muitos movimentos sociais que valorizam o preto, do jeito que ele é, do jeito que fala, adquirimos conhecimentos que nos fazem acordar para a realidade, temos orgulho de ser preto, somos pretos, aqui só tem é nego.

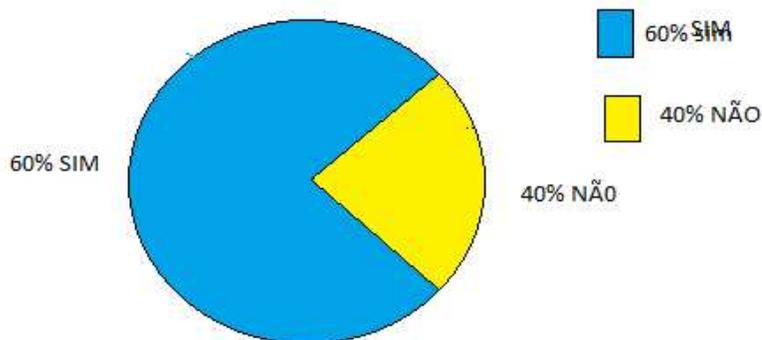
6 - Quando busca informação em algum órgão publico tem dificuldade por seu modo de falar?



Fonte: Pesquisa direta, 2014.

Sim, por exemplo, na vale, temos dificuldade tanto que precisamos de facilitadores na nossa comunicação, em hospitais não querem atender agente, dizem que somos ignorantes, burros, pois não conseguem nos entender.

7-Você acha que as pessoas da cidade falam melhor que você?

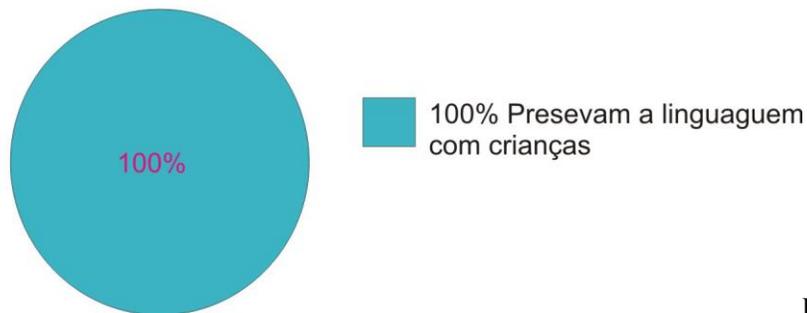


Fonte: Pesquisa direta, 2014.

Seis pessoas acham que sim, pois os moradores da cidade têm mais esclarecimento e estudo do que nós do interior. Quatro acham que não, muitas pessoas têm sua maneira de falar e

são particulares a cada um, apenas uma pequena parte da elite tenta se aproximar da gramática, o que ainda é muito difícil, pois na maioria das vezes usamos a linguagem informal.

8-Como está a língua com as crianças, em relação à herança africana?

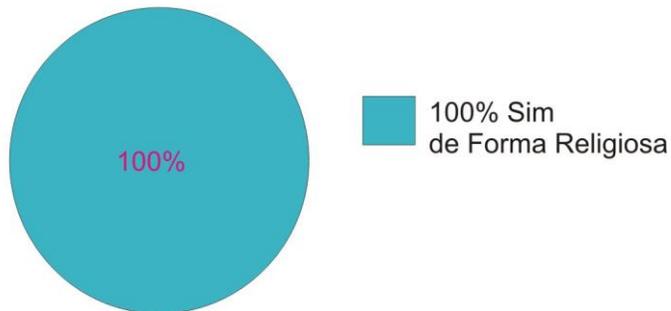


Fonte: Pesquisa direta, 2014.

Nossa herança é transmitida de forma oral, queremos que nossas criança passe a diante nossa herança na cultura, na dança, no tambor de crioula na maneira *qui nois fala pra num* ficar perdido, pois isso tudo é muito *bunitu*, colocamos eles pra dança *os mininu bater tambô*.

Uma coisa que queremos é que a escola ensine também nossa cultura, além da gramatica normativa que é importante no conhecimento pro mundo lá fora.

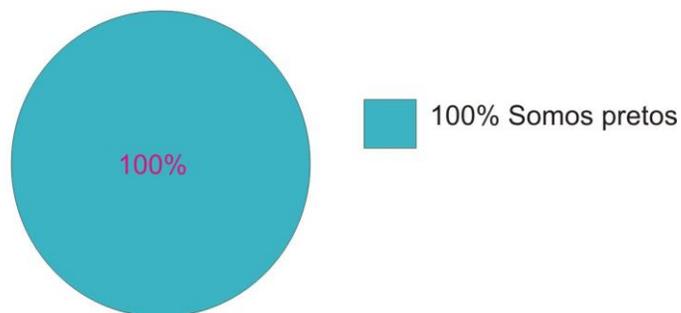
9-Como se deu a evolução durante todo processo evolutivo.



Fonte: Pesquisa direta, 2014.

O fator religioso foi muito importante para a sobrevivência, pois aconteciam os eventos as pessoas compareciam e aprendiam tudo sobre cultura afro, suas maneiras de celebrar, festejar e falar perpetuando assim sua herança cultural. Então consideramos a religião fundamental para esse processo evolutivo.

10- fale um pouco sobre sua raça, como a sociedade observa.



Fonte: Pesquisa direta, 2014.

A fala de um dos moradores para representar o sentimento de pertence da

comunidade: *“Esse negocio de dizerem que a cor nossa é morena, isso não existe, aqui nois somo é preto, preto, preto, aqui só tem é preto, é isso que nois somo, preto, aqui é África, descendente de preto, a única coisa que nois tem branco é so dente”*.

Hoje nem ligamos muito, mais existe o tar do preconceito, falamos para os nossos jovens a importância do quilombo, hoje todo mundo que ser quilombola, por causa do conhecimento, e importância que nois temo. E a sociedade já passou a ver agente de outra maneira, da mais importância, temos muitos projetos sócias, conversamos com muita gente, até do estrangeiro que vem vê nois, e nus levar pra lá.

5- RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO

A realidade social da comunidade de Santa Rosa dos pretos é sempre marcada por grandes lutas, os moradores sempre tiveram consciência dos seus direitos. Nisso vemos a manutenção dos seus costumes, tradições culturais e seu folclore são preservados e repassados de pai para filho mantendo assim sua descendência afro-brasileira até os dias atuais.

Durante a aplicação dos questionários de entrevistas observa-se uma comunidade que enfrenta no cotidiano, diversas dificuldades para garantir seus direitos básicos tais como saúde, educação, e saneamento básico o que é de importância significativa na vida de seus moradores.

Há pessoas engajadas em constituir um ambiente melhor para criação de seus filhos e defesa de seu território, para sustentação de sua gente.

Assim as entrevistas foram aplicadas a pessoas com pouca formação escolar ou não alfabetizadas, com intuito de constatar que esse público alvo ainda enfrenta uma forte discriminação no seu cotidiano, principalmente no que diz respeito a sua linguagem, que se diferencia da norma padrão da língua. Nessa perspectiva, às vezes, a ausência de marca de plural, ou simplesmente a falta de concordância verbal parece aos olhares mais polidos gramaticalmente, feias, pobres ou atípicas. Entretanto, são sinais simples que segundo os estudos científicos linguísticos, não representam nenhum tipo de deficiência ou anomalia, mas, corresponde a outros fatores externos da língua que contribuem para sua composição e formação.

Contudo, observou-se que os entrevistados não tiveram nenhuma resistência em falar sobre o tema em análise, por isso, buscou-se indagar da forma mais simples possível a respeito do assunto, num clima de conversa sem constranger as pessoas da comunidade que se dispuseram a colaborar com o trabalho de pesquisa de campo.

Dessa forma, as entrevistas foram realizadas em companhia de um representante da comunidade que esteve sempre ao dispor da realização do trabalho em curso, apresentando a temática da investigação aos seus conhecidos e deixando a vontade o entrevistador e os entrevistados. Deste modo, percorreram-se as residências e as ruas daquela localidade a fim de encontrar pessoas dispostas a contribuir com esta investigação científica.

Em contato direto com as pessoas pesquisadas, pode-se averiguar, que trata de um assunto sobre preconceito, não é tarefa fácil, sobre tudo quando as pessoas são alvos dessa prática

desrespeitosa, por isso no decorrer da análise procurou-se não se ater apenas as perguntas do questionário, mais também a ouvir o relato das pessoas que expuseram sua opinião e defenderam seu ponto de vista sobre o tema.

Neste trabalho científico tratou-se de um preconceito social que não é visto dessa forma, a medida que pouco se discuti sobre o assunto, já citado, nada se fará para resolvê-lo, tendo em vista que quando se trata de temas relacionados às minorias, grupos que estão a margem da sociedade, parece não haver nenhum interesse em discutir, combater ou minimizar tais estigmas.

Observou-se que cada entrevista realizada as pessoas pareciam desejar expressar sua indignação, diante da prática preconceituosa que algumas vezes tiveram que enfrenta no seu dia a dia com isso, pode-se constatar que é preciso uma mudança de postura dos órgãos governamentais que tratam de muitos direitos, porem não ha nada no pais que trate de direitos linguísticos. Sobretudo, quando se trata de valorizar as variedades linguísticas de menor expressão social.

Portando, o contato com a comunidade quilombola santa rosa dos pretos, proporcionou uma análise mais direta do preconceito linguístico, uma vez, que essas pessoas enfrentam no seu habitual, casos de discriminação social por não dominaram uma forma linguística de prestígio, assim, obteve-se um dado importante sobre o cenário linguístico daquela região. E a necessidade de conscientização da sociedade em geral de um grave problema social.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A língua portuguesa é muito rica em seus aspectos linguísticos, e suas transformações ao longo do tempo tem contribuído para inovações dialetais, diante de tais modificações esteve aberto a contribuição de diversos povos, fosse em razão do domínio romano ou pelas questões políticas e socioculturais, ao qual foi submetida em determinado período de sua história.

Embora o português tenha sido oriundo do latim, língua mãe, base de sua evolução, esse por sua vez, transformou-se bastante até resultar no português europeu antigo e na modalidade da língua nacional brasileira. Conforme as diversas mutações cujo português passou, o léxico transformou-se pela interação entre línguas, pelos acontecimentos históricos e por meio de aspectos econômicos, culturais e políticos.

No Brasil, pode-se notar a nova dimensão que a língua portuguesa tomou, demonstrando que não se pode separar língua de sociedade e historicidade, partindo da tese de a interação entre ambas modifica a língua. As interações linguísticas e culturais pelas quais o Brasil passou durante o período colonial, constituíram as bases das heranças linguísticas atuais.

Assim, o enriquecimento lexical se deu por meio dos indígenas que ocupavam as regiões costeiras do litoral brasileiro, um grande salto também se deu com a gramaticalização da principal língua utilizada na colônia, o tupi, possibilitando o contato entre europeus e nativos. Nesta mesma fase o contato do europeu com os indígenas, as enormes contribuições africanas.

Um dos destaques para aprimorar o português originalmente brasileiro, foi o quimbundo e o iorubá.

Sendo assim, pode constatar-se que o português brasileiro é um idioma dependente, que constantemente recorre a outros idiomas utilizando os empréstimos entre as línguas para nomear técnicas e inovações da ciência. Porém, cabe ressaltar que as maiores heranças linguísticas foram deixada pelo índio, o negro e o europeu que juntos geraram o português vigente, considerado heterogêneo e externamente variável e que sem dúvida, continua a variar com as heranças léxicas com as línguas que estão sempre em contato transformacional.

7 REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral** 1.campinas, são Paulo: pontes editores, 2005.
- BORTONI, Ricardo Stela Maris. Educação em língua materna, a sociolinguística em sala de aula. São Paulo; parábola editorial, 2004.
- CARVALHO, Nelly Medeiros de. Empréstimos linguísticos. São Paulo: Ática. 1989.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: ao livro técnico, 2005.
- CUNHA, Celso. "**política, cultura e idioma**", in **língua, nação, alienação**, RJ, 1981.
- ELIA, Silvio. **Fundamentos históricos do português do Brasil**. Rio de Janeiro: lucerna, 2003.
- FIORIN, José Luís. **Introdução à linguística**. São Paulo: contexto, 2008.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**, São Paulo: ática, 2008.
- LUCCHESI, Dante. **A participação do contato entre língua na formação do português popular do Brasil: novas evidencias empíricas**. in: M. Fernandes, M. Fernandes- ferreiro N.V.Veiga. **Los criollos de base ibérica**. Madri: Iberoamericana, 2004, p. 215-226
- _____. **O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil**. in: RONCARATI, Claudia & ABRAÇADO, (orgs). português brasileiro, contato linguístico , hereditariedade e história. Rio de janeiro:7 letras, 2003.
- LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna**. São Paulo: Ática. 2008.
- _____. **Por uma nova concepção da língua materna**. São Paulo: ática, 2008.
- MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: funag, 2012
- ORLANDI, Eni p. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS, língua portuguesa de 5 a 8 série, Brasília: MEC/SEF, 1998.
- PRETI, Dino Fioravante, **Sociolinguísticas- os níveis da fala**, EDUSP, SÃO PAULO, 2003
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006
- SILVA, Rosa Virginia Mattos e, **ensaios para uma sócio-história do português brasileiro**, São

Paulo: parábola editorial, 2004.

TEYSSIER, Paul. **Historia da língua portuguesa**. São Paulo: Martins fontes, 2007.

APENDICE

- 1-Vocês ainda preservam a linguagem africana?**
- 2 - Como é transmitida a herança cultural da língua africana?**
- 3 - Você se sente constrangido por fazer de uma etnia, e sua maneira de falar?**
- 4 -Você já sofreu discriminação em algum lugar publico?**
- 5 - Você se sente constrangido ao falar em lugares públicos com pessoas da cidade por achar que fala errado?**
- 6 - Quando busca informação em algum órgão público tem dificuldade por seu modo de falar?**
- 7-Você acha que as pessoas da cidade falam melhor que você?**
- 8-Como está a língua com as crianças, em relação à herança africana?**
- 9-Como se deu a evolução durante todo processo evolutivo.**
- 10- fale um pouco sobre sua raça, como a sociedade observa.**

GLOSSÁRIO

Adstrato. Duas línguas faladas em uma província.

Abanheenga. Dialeto africano.

Cartagineses. Da cidade de cartago.

Castelhano. Idioma espanhol.

Catalão. **Da catalúnia.**

Guarani. Língua indígena falado no Brasil.

Guiaicus. Povo indígena.

Ioruba. Língua africana

Jês. Língua indígena, povo.

Jesuítas. Catequistas da companhia de Jesus.

Koiné. Gramática

Latim. Língua românica

Nheengatu. Dialeto africano.

Panos. Indígenas.

Quimbundo. Dialeto africano.

Quicongo. Dialeto africano.

Substrato. Diz-se da língua falada por dominad , pelos dominadores.

Superstrato. Língua falada pelos dominadores dos dominados.

Tupi. Língua indígena do Brasil.

